

A Coparentalidade na Transição para a Parentalidade

Beatriz Schmidt (Universidade Federal do Rio Grande – FURG)

As pesquisas e as intervenções que abordam a transição para a parentalidade, tradicionalmente, têm privilegiado o processo de se tornar mãe e a relação da díade mãe-criança, com menor destaque ao pai. Ainda são raros os estudos sobre a relação da tríade mãe-pai-criança, embora em muitas famílias ambos os genitores compartilhem as responsabilidades de cuidado na infância. A coparentalidade emerge na transição para a parentalidade e se refere à forma como os indivíduos (com frequência a mãe e o pai, mas nem sempre) coordenam e se apoiam em seus papéis parentais. Achados da literatura internacional sugerem que a coparentalidade de boa qualidade (isto é, em que os cuidadores dividem tarefas, são cooperativos e se comunicam para estabelecer acordos sobre tópicos relativos à criança) está associada a benefícios ao desenvolvimento socioemocional e cognitivo na infância. A maioria das pesquisas sobre a coparentalidade investiga famílias norte-americanas ou europeias, o que limita suas contribuições para a prática profissional e a elaboração de políticas públicas voltadas a outros países, como o Brasil. Da mesma forma, estudos qualitativos sobre a coparentalidade são raros, embora fundamentais para esclarecer detalhes e complexidades nem sempre bem captadas por meio de outros métodos, incluindo fatores socioculturais ligados à coparentalidade em distintos contextos. Nesta conferência, será apresentada a tese de doutorado intitulada “*Coparenting Across the Transition to Parenthood: Qualitative Evidence from South-Brazilian Families*”, que investigou a coparentalidade na transição para a parentalidade em famílias do Sul do Brasil, por meio de estudo de caso múltiplo, qualitativo e longitudinal. Entrevistas foram conduzidas individualmente com 12 mães e pais (seis famílias nucleares), aos 6, 12 e 18 meses após o nascimento do primeiro filho (36 entrevistas). A análise temática dedutiva revelou semelhanças e singularidades entre as famílias, oferecendo subsídios para três componentes do modelo de coparentalidade de Feinberg (2003): divisão de trabalho parental (como os pais dividem tarefas domésticas e de cuidado à criança, bem como sua satisfação com essa divisão); acordo/desacordo (ex., em relação às necessidades emocionais da criança e à disciplina); e apoio/depreciação (apreciação e cooperação, ou crítica e competição entre a mãe e o pai). Além da apresentação e da discussão dos principais resultados da tese, na conferência serão abordadas também implicações para a prática profissional e para as políticas públicas voltadas a famílias experienciando a coparentalidade na transição para a parentalidade.

Beatriz Schmidt é docente do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Realizou Pós-Doutorado no Núcleo de Infância e Família (NUDIF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS, com estágio doutoral no Human Development & Family Science Program da Ohio State University (OSU/USA). Por sua Tese de Doutorado, recebeu dois prêmios: Prêmio CAPES de Tese – Edição 2019, na área de Psicologia, e Grande Prêmio CAPES de Tese 'Josué de Castro' – Edição 2019, na área de Humanidades, sendo este último concedido em parceria entre a CAPES e o Instituto Ayrton Senna. Psicóloga, Especialista em Saúde da Família e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Interessa-se principalmente por temas atinentes a relações familiares e desenvolvimento infantil.